

APRENDIZAGEM AUTÔNOMA: UMA ABORDAGEM DESCRITIVA NO AMBIENTE VIRTUAL E TUTORAL

Tereza Cristina Mendes Vieira¹

RESUMO

Este estudo apresenta algumas reflexões sobre a necessidade de o ensino a distância adotar novas estratégias para promover a autonomia do aluno no ambiente virtual. Frente às profundas transformações na sociedade, com a inserção das novas Tecnologias de Informação e de Comunicação como ferramentas de troca de informação e conhecimento, o aprofundamento de pesquisas orientadas para as didáticas que promovam projetos mais flexíveis é vital. As exigências por uma dinamicidade maior nos processos de ensino são cada vez maiores. As ferramentas de discussão que usam a *internet* e os recursos *web*, como o e-mail, o fórum de discussão, o chat, a videoconferência, a lista de discussão, provocam uma revolução não somente no campo da educação, mas também no estilo de vida da sociedade contemporânea. Novas formas de ensinar e aprender devem ser adotadas. Professores e instituições de ensino têm que romper com velhos paradigmas para garantir a construção de uma aprendizagem autônoma na EaD. Há de se substituir o modelo de ensino a distância que foi adotado em 1996, quando foi implantado no Brasil, por ações educativas mais flexíveis e interativas, em que o aluno percorra o processo de aprendizagem de forma independente e, principalmente, dentro do seu próprio ritmo individual.

Palavras-chave: Ensino a distância; aprendizagem; autonomia.

¹ Mestranda em Geografia do Programa de Tratamento da Informação Espacial da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Pós-graduada em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e em Engenharia Ambiental pela Faculdade de Engenharia de Minas Gerais (FEAMIG). MBA Executivo em Administração de Empresas com Ênfase em Meio Ambiente pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

AUTONOMOUS LEARNING: A DESCRIPTIVE APPROACH IN THE VIRTUAL ENVIRONMENT AND TUTORIAL

ABSTRACT

The presente study presentes some reflections about the need of the distance learning to adopts new strategies to promote the student's autonomy in the virtual enviroment. Faced with profound changes in society, with the inclusion of new Information and Communication Technologies (ICTs) as tools for exchanging information and knowledge, the deepening of the research oriented teaching that promote more flexible projects is vital. Demands for greater dynamism in educational processes are increasing. The discussion tools that use the internet and web features such as e-mail, discussion forum, chat, video conferencing, mailing list, cause a revolution not only in education but also in style life of contemporary society. New ways of teaching and learning should be adopted. Teachers and educational institutions have to break old paradigms to ensure the construction of an autonomous learning in distance education. One has to replace the teaching model the distance that was adopted in 1996, when it was deployed in Brazil, for a more flexible and interactive educational activities, in which students go through the learning process independently and especially within their own paced.

Keywords: Distance learning; learning; autonomy.

INTRODUÇÃO

A educação a distância (EaD) é uma modalidade de ensino que ainda engatinha. A EaD, no modelo hoje predominante, foi instituída no Brasil, em 1996, pela Lei nº 9.394/96, que estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional, razão pela qual ficou popularmente conhecida como LDB (Lei das Diretrizes e Bases da Educação). Como espécie formal do gênero educação superior, surgiu há 21 anos. Passou a ficar mais conhecida, contudo, somente a partir de 2005, com a implantação do Sistema Universidade Aberta do

Brasil (UAB), hoje a grande referência da educação a distância pública no país. Com isso, foi consagrada no país há apenas doze anos.

Por existir há relativo pouco tempo, ainda não permitiu cristalizar incontáveis modelos de sucesso. Se comparada com o modelo tradicional, que desde os grandes filósofos, como Aristóteles e Platão, deu os primeiros passos, é uma modalidade de ensino ainda muito jovem. Mas esse “porém” não deve ser entendido como um ponto negativo e sim como uma vantagem a favor da criatividade. O fato indica que é preferível experimentar as novas possibilidades do meio a simplesmente transferir as boas “receitas” para a tela do computador.

Com as profundas transformações na sociedade, propiciadas pelas novas Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs), aumentam as exigências por uma dinamicidade maior nos processos de ensino e aprendizagem sobre as instituições de ensino e práticas escolares. O aprofundamento de estudos e desenvolvimento de pesquisas orientadas para a linha de pesquisa da didática, teorias de ensino e práticas escolares que promovam o planejamento, desenvolvimento e a avaliação de programas e projetos educacionais mais eficientes e com qualidade é de fundamental importância.

A educação a distância tem como principal estratégia a promoção do aprendizado autônomo no ambiente virtual. Oferece ao aluno a responsabilidade pela própria condução do processo de construção do conhecimento. Traz uma nova concepção pedagógica de aprendizagem, em que o discente é considerado um ser autônomo, capaz de autogerir e autorregular. A autoaprendizagem oferece liberdade ao ato de estudar e conduz a formação de indivíduos críticos e inventivos. Não cabe ao estudante do ensino a distância somente escutar, ler, compreender e realizar algumas atividades solicitadas, um papel secundário na aprendizagem, como acontece hoje no modelo presencial. Do aluno do EaD se espera ampla pesquisa dos assuntos de seu maior interesse, que poderá acontecer no ritmo que desejar, com a flexibilidade que preferir e, principalmente, a libertação da dependência do professor. O educador, assim, deixa de ser o único responsável pelo conteúdo do curso e também por torná-lo acessível e próximo do aluno. As ações para assegurar a autoaprendizagem, por sua

vez, priorizam a investigação, a colaboração e a personalização. Alunos e tutores tecem, juntos, novos paradigmas de ensino.

Com o avanço das TICs, a sociedade contemporânea vive intensas transformações. Os novos comportamentos do homem moderno, nestes últimos anos, têm repercutido diretamente nas práticas escolares. As tecnologias digitais interativas instauram uma revolução antropológica e impõem aos profissionais de educação uma dinamicidade maior nos processos de ensino e aprendizagem. Há um deslocamento no papel do professor frente à incorporação desse conjunto de inovações em seu trabalho pedagógico, de uma dimensão de especialista e detentor do conhecimento, que instrui, para o de um profissional da aprendizagem, que incentiva, orienta e motiva o aluno. Há uma emergência de um novo paradigma educacional.

A intersecção do real e do virtual exige o desenvolvimento de formas mais dinâmicas, participativas e descentralizadas das práticas pedagógicas, fomentando a autonomia dos discentes. É necessário criar novas formas de aprender e ensinar, abrindo caminhos para o futuro, hoje o grande desafio da EaD. **Por se tratar de uma modalidade de ensino muito recente, a educação a distância não conseguiu ainda consagrar inúmeros modelos de sucesso, como acontece no ensino presencial. Torna-se também cada vez mais urgente o aprofundamento de metodologias pedagógicas para projetos e programas de ensino a distância.**

Os cursos que alcançam sucesso, que têm menor índice de evasão, são os que mais ênfase ao atendimento do aluno e à criação de vínculos. Nesse cenário, cabem ao professor, hoje, maiores competências. Para Moran (2007), é vital o desempenho do professor-orientador para criar laços afetivos. Para Longhi, Behar e Bercht (2008), não existe educação sem interação, logo, deve-se levar em consideração o afeto nas relações entre professor, aluno e meio ambiente, pois estes aspectos interferem diretamente nos processos de aprendizagem, em especial nos que ocorrem nos espaços virtuais, onde não se pode contar com a presença dos gestos, expressões e tom de voz. Essa competência coloca em evidência a dimensão humano-afetiva na utilização das tecnologias digitais na educação.

Este estudo pretende mostrar que é necessário adotar novas ações de tutoria para estimular autoaprendizagem na educação a distância. Apresenta argumentos que evidenciam a necessidade de substituir os modelos pedagógicos adotados até aqui, focado no predomínio do “produto pronto”, por outro paradigma, centrado na proatividade e na autonomia. O trabalho se justifica por descrever as ações e aprendizagem nos ambientes virtuais, visando ampliar o conhecimento sobre os sistemas de tutoria, sem, contudo, ter a pretensão de esgotar o tema.

O artigo foi realizado, exclusivamente, por meio de pesquisa bibliográfica. Utilizou material já publicado, composto essencialmente de livros, artigos de periódicos e de informações disponibilizadas na *internet*. O levantamento bibliográfico tem como principal vantagem possibilitar ao investigador a cobertura de uma gama de acontecimentos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. (GIL, 1999). A técnica bibliográfica visa encontrar as fontes primárias e secundárias e os materiais científicos e tecnológicos necessários para a realização do trabalho científico ou técnico científico. É realizada em bibliotecas públicas, faculdades, universidades e, atualmente, nos acervos que fazem parte de catálogo coletivo e das bibliotecas virtuais. (OLIVEIRA, 2002).

O primeiro capítulo apresenta um breve histórico do surgimento da educação a distância no Brasil, suas fases e principais características. O segundo mostra os modelos de tutoria adotados até aqui e que mantêm a EaD no tradicionalismo. O terceiro traz a necessidade de se quebrar paradigmas e substituir o padrão “igual para todos” por ações mais flexíveis. O quarto expõe sobre as novas estratégias para propiciar ao aluno mais autonomia para construir a próprio aprendizagem. Por último as considerações finais e as referências utilizadas para a elaboração deste estudo.

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

A Educação a Distância foi instituída no Brasil, em 1996, com a publicação da Lei nº 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, motivo pela qual ficou popularmente conhecida como LDB - Lei de Diretrizes da Educação. Também em 1996 foi criada a Secretaria da Educação a Distância (SEED) no Ministério da Educação (MEC), por meio do Decreto 1.917/1996. Mesmo antes da publicação da LDB, o poder público já tomava as primeiras iniciativas para a formação, a indução, a execução e o fomento de políticas públicas voltadas à EaD no ensino superior. Em 1994, criou o Sistema Nacional de Educação, por meio do Decreto nº 1.237/1994. Em 2005, foi editado o Decreto 5.622/2005 do MEC, com o objetivo de autorizar, regulamentar e reconhecer o credenciamento de instituições de ensino para oferta de cursos e programas na modalidade a distância. Na ocasião, foram estabelecidos os fundamentos legais para a consolidação de um sistema nacional de educação a distância a Universidade Aberta do Brasil (UAB).

Segundo o decreto, educação a distância é uma modalidade educacional, na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Como uma modalidade educacional profundamente permeada por TICs, os modelos de EaD estão sempre associadas aos avanços da ciência ao longo do tempo. Assim, é possível categorizar a história da EaD em gerações. Segundo Bittencourt (2013), foram identificadas, até o momento, cinco gerações: a primeira geração foi a do ensino por correspondência, marcada pelo envio de materiais didáticos impressos pelo correio; a segunda foi caracterizada pela transmissão de aulas via rádio/televisão, veículos de comunicação de massa, além do uso de telefone, da linguagem da informática e do vídeo interativo; a terceira geração foi a centrada nas novas TICs, na difusão interativa; a quarta foi a baseada em atividades via *internet*, a do modelo de aprendizagem flexível; e a quinta geração é a que utiliza as

potencialidades da rede e da *web*, que trazem para a EaD ainda mais flexibilidade e expansão. Começa a surgir uma sexta geração, com base no domínio dos mundos virtuais e imersivos, mas apenas de uso exploratório.

Segundo Tori (2010), a palavra distância não é adequada para essa nova modalidade de ensino. Para ele, o termo carrega certo peso, que é prejudicial. Isso porque remete ao período do ensino por correspondência, quando os alunos recebiam o material didático pelo correio. É o motivo pelo qual muitos preferiram empregar a expressão educação *on-line* e até mesmo a denominação educação sem distância, que começa a ser utilizada.

E o que nos diz a nomenclatura corrente? Primeiramente que <distância> é o que se opõe à <presença>: não é preciso, porém, mais do que um rápido exame para nos convencer de que isto, de fato, não se aplica: longe disto, o que se opõe à presença é a ausência, e o que se opõe à distância é a proximidade. Assim, não somente estes termos não são excludentes, como se faz corriqueiramente supor como, por esta mesma razão, é-se forçado a admitir que, finalmente, eles definem de forma apenas superficial e muito precária aquilo que buscam designar. Mas em que sentido poderiam estas duas noções, <distância> e <presença>, servir para nomearem duas modalidades cuja distinção pretendemos claramente estabelecer? A resposta é simples: ao contrapor <presença> e <distância>, aderimos a uma representação das modalidades que toma por única referência os corpos físicos dos sujeitos envolvidos na situação formativa. Desta forma, a educação a distância se define tão somente como uma modalidade que, ao invés de se exigir que os participantes estejam <de corpo presente>, permite que permaneçam <fisicamente afastados>: no entanto, seria esta distinção suficiente para definir a identidade que pretendemos fornecer à EaD? Mais ainda, seriam estas duas noções, presença e distância, adequadas aos objetivos pedagógicos que são os nossos? (VALE, 2013. p.72).

A EaD oferece condições para o indivíduo manter os seus estudos ao longo da vida. Permite ao estudante estudar com flexibilidade de horário e local, ao propiciar que ele imponha o seu ritmo e acesse de seu local de preferência os espaços virtuais de aprendizagem. Para KENSKI (2003, p. 32) “é o saber que viaja veloz nas estradas virtuais da informação. Não importa o lugar em que o aluno estiver: em casa, em um barco, no hospital, no trabalho. Ele tem acesso ao conhecimento disponível nas redes, e pode continuar a aprender.”

Dentre as características da educação a distância pode-se destacar a comunicação bidirecional, aquela em que há um maior diálogo professor-aluno, diferente do sistema convencional no qual, em sua maioria, o professor fala mais e o aluno ouve; a autoaprendizagem, que o aluno aprende que grande parte da responsabilidade sobre a aprendizagem está em suas próprias mãos e tem que abandonar o papel de receptor passivo de conteúdos para o de sujeito ativo na construção coletiva do conhecimento; a pedagogia diferenciada, que o estudante encontra um tipo de aprendizagem na qual a informação e o material para estudo se encontram disponíveis na *internet*; maior diversificação cultural, na medida em que consegue alcançar lugares e pessoas que a educação convencional não consegue; a autonomia; a familiarização com as novas tecnologias; a flexibilidade, que permite ao aluno se perguntar: Onde estudar? Quando estudar? E em que ritmo?; o apoio de conteúdos digitais adicionais; e a mudança de paradigma, que envolve indivíduos e instituições para a adoção de novos papéis.

Interação, troca de informação e colaboração são os focos principais da EaD. A construção do conhecimento acontece à medida que o diálogo é fortalecido, permitindo com que a aprendizagem vá surgindo pouco a pouco. O tutor, por sua vez, adota uma postura diferente de trabalho. Ele observa “a distância” e entrará em cena somente se perceber um desvio na trajetória de aprendizagem. O seu objetivo agora é criar um ambiente que estimule a participação, é possibilitar ao aluno o encontro com o seu “estado curioso”, é também disponibilizar diferentes estratégias de estudo. O “tom e o ritmo”, contudo, são sempre ditados pelo aluno.

Esse cenário exige com que as instituições de ensino busquem atender aos diversos estilos de aprendizagem dos alunos, criando atividades de pesquisa que contemplem os mais ativos e os mais reflexivos, os focados na ação e também os que articulam as ideias de forma mais teórica. A justificativa é que os alunos querem ser tratados de maneira individualizada. Checam as informações que o professor compartilha, gostam de ter o conteúdo antes das aulas e adoram aprender *on-line* com os colegas, quando estão separados. A atenção e o cuidado aos projetos pedagógicos da EaD devem então ser redobrados. (MORAN, 2013).

No ensino presencial, se o professor se mantiver vigilante, poderá, com facilidade, obter *feedback* dos problemas do dia a dia e que surgem na trajetória do aprendizado. Com o diálogo, pode também descobrir novas estratégias pedagógicas. No ensino a distância, no entanto, o aluno não está próximo fisicamente. A comunicação tem que ser estabelecida por *e-mail*, ou mesmo por um telefonema eventual, que embora seja mais direto, por outro lado eleva o custo final. (MORAN, 2013).

MODELOS DE TUTORIA

As instituições de EaD no Brasil repetem concepções educativas convencionais, mantendo-se no tradicionalismo. Focam a atenção nos materiais didáticos elaborados por especialistas. Inúmeras possibilidades de aprendizagem colaborativa, de coautoria, que as tecnologias atuais em múltiplas redes propiciam, são totalmente ignoradas.

As instituições de EaD mantêm uma concepção pedagógica predominantemente tradicional, em que o professor-autor é o responsável pelo conteúdo do curso e por torná-lo acessível e próximo do aluno. O papel do aluno continua sendo, como no ensino presencial, um papel secundário, o de ler (ou escutar), compreender e realizar algumas atividades pedidas. Enquanto isso, as pessoas hoje aprendem formal e informalmente, presencial e virtualmente, na sala de aula e em qualquer outro lugar, em horários determinados e a qualquer hora, de forma isolada e compartilhada, ouvindo-lendo e interagindo de verdade.

(...) O papel de colaboração dos alunos costuma estar centrado na ferramenta fórum e de forma pouco criativa, insuficiente para explorar todo o potencial mobilizador das contribuições que cada aluno poderia trazer para tornar seu curso vivo, dinâmico, personalizado. Os projetos de EaD são massivos, não valorizam – em geral - o percurso individual nem a riqueza da interação possível com os aplicativos atuais das redes sociais. (MORAN, 2013, p.43).

Para atender a todos por igual, o *design* costuma ser uniforme. Para se ter parâmetros de avaliação, exigem-se as mesmas atividades para todos. Isso faz com que a leitura de materiais, as videoaulas, os fóruns e as atividades individuais continuem predominando e se mantendo nos cursos a distância.

Quando um grupo de instituições põe à disposição no país uma EaD virtualizada, em modelo de *e-learning*, uma pergunta que deve ser feita é por que beneficiar apenas um único modelo de educação a distância para todos? Esses estabelecimentos de ensino acolhem tanto alunos que estão em regiões metropolitanas como municípios de maior porte e que dispõem de *internet*. Têm também recursos para propiciar a entrega de conteúdos, transmissão de *web* aulas, tutoria e integração administrativa dos estudantes com a coordenação dos cursos, professores, colegas e estruturas de apoio. O desafio é gerar modelos pedagógicos e tecnológicos que levem à construção e à legitimação da Universidade Virtual, dando continuidade à inovação. Se o foco da educação a distância é possibilitar um ensino individualizado, deve adotar, portanto, metodologias que propiciem isso. (ROESLER, 2011; VIANNEY, 1988).

QUEBRA DE PARADIGMA

Não se pode atribuir a introdução das TICs na EaD a responsabilidade, exclusiva, para a crise paradigmática que está acontecendo na educação. Não há dúvida de que com ela fica mais evidente o imperativo de realizar significativas mudanças nas práticas educacionais, bem como no modelo pedagógico que vem sendo adotado. Por conseguinte, pode-se afirmar, com segurança, que um novo espaço pedagógico está em fase de gestação, alicerçado nas características “do desenvolvimento das competências e das habilidades, no respeito ao ritmo individual, na formação de comunidades de aprendizagem e nas redes de convivência, entre outras”. (BEHAR, 2009, p. 16).

Segundo Bittencourt (2013), é imprescindível que as instituições de ensino reavaliem criticamente as suas estruturas dentro do processo educacional para que possam garantir uma atuação compatível com as exigências sociais em andamento. O terceiro milênio impõe

cuidado redobrado na estruturação dos processos da educação a distância, assim como na criação de novos espaços de aprendizagem, com o uso de multimídias interativas.

Para Mello (1996,) é imperativo que as instituições educacionais se organizem para adotar novas práticas para responder à necessidade de um novo perfil de qualificação profissional, que valoriza a inteligência e o conhecimento. Ao mesmo tempo precisa lidar com os novos parâmetros de difusão de conhecimentos concedidos pela informática e meios de comunicação em massa e contribuir para recuperar/construir dimensão social e ética do desenvolvimento econômico.

Tanto a educação a distância quanto a presencial precisam se libertar-se das ações de ensino fundadas essencialmente na ação do professor. Segundo Villardi e Oliveira (2005), é preciso substituir o modelo tradicional de EaD, marcado pelo predomínio da informação sobre a formação. Deve-se definir outro paradigma, centrado na ação educativa flexível, aberta e interativa, que permita o aluno percorrer o processo de aprendizagem de forma autônoma, dentro do seu ritmo individual.

Não só no ensino presencial, mas, principalmente, na EaD, um dos maiores desafios na educação é estimular os estudantes a serem pesquisadores e não meramente executores de tarefas. Os alunos devem ser motivados a investigar, ir além do senso comum, a explorar todo o potencial que as redes tecnológicas e humanas possibilitam. É importante empregar esforços com desafios de aprendizagem. Deve-se iniciar pelos mais fáceis, ligados ao que existe efetivamente no dia a dia deles e, pouco a pouco, evoluir para outros mais complicados. Os professores podem sugerir temas que despertem interesse, incentivar o questionamento e a pesquisa, na busca pelos tópicos mais importantes, chamar a atenção para a importância do cuidado ao selecionar e ao avaliar as informações digitais, assim como as páginas acessadas, e também estimular a busca por visões diferentes. A caminhada pode começar nos níveis mais fáceis e avançar para os mais complexos. Passear entre o impactante e à abstração, e “assim ajudar a desenvolver um pensamento arborescente, com rupturas sucessivas e uma reorganização semântica contínua”. (MORAN, 2013, p.46).

Não mais, apenas, a perspectiva estrutural e linear de apresentação e desenvolvimento metodológico do conteúdo a ser ensinado, nem tampouco a exclusiva perspectiva dialética. Uma outra lógica, baseada na exploração de novos tipos de raciocínios nada excludentes, em que se enfatizem variadas possibilidades de encaminhamento das reflexões, em que se estimule a possibilidade de outras relações entre áreas do conhecimento aparentemente distintas (KENSKI, 1998, p.46).

NOVAS ESTRATÉGIAS PARA A EAD

É necessário substituir o modelo tradicional de EaD, por ações educativas flexíveis e interativas, que permitam ao aluno percorrer o processo de aprendizagem de forma autônoma. Abandonar o padrão “igual para todos”, em que os especialistas preveem tudo antes, para outro, que possa ser implantado de acordo com o andamento do curso, o nível de envolvimento de cada um, e também da maturidade intelectual dos alunos, e ainda, que seja parcialmente preparado com antecedência.

É preciso adotar um novo modelo metodológico, mais aberto, que dê aos alunos as ferramentas para construir o processo aprendido. Um método que faça do estudante o protagonista da aquisição de conhecimento, o receptor e elaborador do conteúdo (DUART; SANGRÀ, 2000). Nesse novo cenário, segundo Kenski (2003), é substancial que o professor se posicione não mais como o detentor do monopólio do saber, no ato de ensinar e aprender, e assuma maiores competências do que a simples transmissão do conteúdo a ser trabalhado nas situações de ensino. Assim, poderá atuar como um parceiro, um pedagogo, no sentido costumeiro da expressão. Um profissional que conduza e oriente o aluno nos múltiplos caminhos para obter o conhecimento, mas também que o instrua a relacionar com ele, compartilhando os recursos materiais e informacionais de que dispõe. Assim, juntos, poderão colocar alguma ordem, ainda que transitória, no meio de tantos conhecimentos disponíveis. Numa cartografia de saberes, valores, pensamentos e atitudes, poderão investigar criticamente

os próprios conhecimentos, indo além, em busca do novos saberes. O modelo em EaD fundamentado na tecnologia digital põe o estudante como centro do processo de ensino-aprendizagem. (KENSKI, 2006).

São necessárias novas estratégias de ensino em relação às do ensino tradicional para, de fato, potencializar o valor da educação *on-line*. Segundo Kenski (2003) apud Bittencourt (2013), a apreensão do conhecimento, nas perspectivas das TICs e em termos metodológicos, requer uma prática docente com base em uma nova lógica. Os professores, por sua vez, também precisam mudar, olhar esse novo mundo com uma nova lógica, cultura, sensibilidade e percepção. (KENSKI, 2006).

A matéria prima da aprendizagem é a informação organizada, significativa: a informação transformada em conhecimento. A escola pesquisa a informação pronta, já consolidada e a informação em movimento, em transformação, que vai surgindo da interação, de novos fatos, experiências, práticas, contextos. Existem áreas com bastante estabilidade informativa: fatos do passado, que só se modificam diante de alguma nova evidência. E existem áreas, mais ligadas ao cotidiano, que são altamente susceptíveis de mudança, de novas interpretações.

As tecnologias nos ajudam a encontrar o que está consolidado e a organizar o que está confuso, caótico, disperso. Por isso é tão importante dominar ferramentas de busca da informação e saber interpretar o que se escolhe, adaptá-lo ao contexto pessoal e regional e situar cada informação dentro do universo de referências pessoais (MORAN, 2013, p. 44-45).

Para Harasin (1995) apud Bittencourt (2013), a educação *on-line* privilegia a aprendizagem ativa. Isso porque a *web* tem a capacidade de criar um ambiente que proporciona ao estudante oportunidades de envolver e pensar. Em um espaço baseado em interações (texto, multimídia), a participação ativa é fundamental uma vez que para ser visto como presente é preciso que o aluno poste um comentário. Quando uma ideia é lançada em um fórum da turma, pode-se estabelecer uma interação contínua e, conseqüentemente, construir o conhecimento.

Os dados encontrados livremente na *Internet* transformam-se em informações pela óptica, interesse e necessidade com que o usuário os acessa e considera. Para a transformação das informações em conhecimentos, é preciso um trabalho processual

de interação, reflexão, discussão, crítica e ponderações que são mais facilmente conduzidos quando partilhados com outras pessoas. As trocas com colega, os múltiplos posicionamentos diante das informações disponíveis, os debates e análises críticas auxiliam a compreensão e elaboração cognitiva do indivíduo e do grupo. As múltiplas interações e trocas comunicativas entre parceiros do ato de aprender possibilitam que esses conhecimentos sejam permanentemente reconstruídos e reelaborados. (KENSKI, 2009, p.239-240).

Há hoje consenso entre os pesquisadores de que na EaD o controle do aprendizado é realizado mais intensamente pelo estudante do que o professor. Para tornar mais fácil a construção de conhecimento, é preciso cenários que favoreçam a interação social; modelos que beneficiem a transferência de aprendizagem em novos contextos; a reconceitualização da avaliação educativa; estudantes mais ativos e responsáveis. Para tal, deve-se buscar apoio nas concepções teóricas que deem sustentação científica às formas alternativas de pensar a formação. (SANCHO et al., 2006).

O novo cenário educacional aponta para novos papéis dos docentes. O professor que “dá aulas” deve ser substituído por aquele que dá diretrizes e os subsídios para a aprendizagem pelo aluno e que esteja à disposição deste para auxiliá-lo ao longo do percurso. (VIANNEY, 2008). Para efetivamente mediar o processo de comunicação, é obrigatório que o professor desenvolva a capacidade de usar a tecnologia. Ao mesmo tempo, o professor deve deixar para trás o papel de transmissor de conhecimento, que fica na frente da sala, no centro do processo, e adotar o de facilitador, que norteia e apoia o processo de aprendizagem. Isso vai permitir maximizar a interação e mudar para um sistema que dê autonomia ao estudante. Um sistema centrado no estudante, baseado no diálogo e na cooperação entre os estudantes. (COLLINS; BERGE, 1996, apud BITTENCOURT, 2013).

Collins e Berge (1996) apontam como principais características na evolução do papel da educação on-line questões tais quais: o professor passar de palestrante e visionário a consultor, orientador e provedor de recursos; o professor tornar-se um eficiente questionador, em vez de um provedor de respostas; o professor propor experiências de aprendizagem ao estudante, em vez de apenas fornecer conteúdos; o professor encaminhar, apenas, a estrutura inicial do trabalho ao estudante, encorajando-o a desenvolver a autonomia; o professor apresentar múltiplas perspectivas sobre cada tema, enfatizando os pontos mais relevantes; o professor

evoluir de sua condição de solitário a membro de um grupo de aprendizagem; evoluir da total autonomia ao uso de atividades que podem ser amplamente avaliadas; evoluir do controle total do ambiente de ensino, ao compartilhamento com o aluno do aprender a aprender; pôr mais ênfase na sensibilidade aos estilos de aprendizagem dos estudantes; ter em conta que as estruturas formais professor-aluno podem se desgastar. (COLLINS; BERGE, 1996, apud BITTENCOURT, 2013, p. 112).

Para Collins e Berge (1996) apud Bittencourt (2013), as responsabilidades mais importantes do professor *online* passam a ser acompanhar as discussões, fornecer conhecimentos específicos e cultivar a harmonia do grupo. É possível pôr o estudante no centro do processo, dar a ele a gestão da sua atividade de aprendizagem, enquanto o tutor tomar conta de seu meio físico, das suas disponibilidades temporais, do seu estilo de construir o conhecimento e do seu meio ambiente cultural. (BÈDARD, 1998).

Para Duart e Sangrà (2000), com essa abordagem a aprendizagem de diversos conteúdos é facilitada, assim como também a capacitação do estudante como profissional, que sabe fazer e ser. Não se centra somente no saber e tampouco aceita desenvolver somente conceitos para memorizar.

Os próprios estudantes são os verdadeiros protagonistas de seu processo de aprendizagem e os que regulam seu próprio ritmo de trabalho. Para Duart e Sangrà (2000, p.32), parte do êxito dos modelos educacionais está no interesse, na motivação e na constância do estudante. Desse modo, o conceito de estudante a distância é o daquela pessoa que tem critério próprio, que pode progredir em seus estudos de maneira independente e autônoma. Um estudante que tem curiosidade e sentido crítico, desejo constante de pôr em dúvida o que aprende e, portanto, pesquisa e sabe ir mais além do que estuda. (DUART e SANGRÀ, 2000 apud BITTENCOURT, 2013, p.125).

Para Rué (2007), estar apto a exercer a própria autonomia no processo de aprendizagem não significa fazer o que se deseja. Constitui ter uma resposta aproximada daquilo que seria melhor praticar ou saber em cada momento. Está relacionado com dispor de referências de autorregulação. Para que o estudante desenvolva autonomia no seu aprendizado é necessário: ter acesso a orientações do tipo tutorial durante o processo da construção do saber; dispor de recursos para a regulação e a auto regulação dos aprendizados; contar com um sistema de coleta de evidências e informação sobre a própria aprendizagem, por exemplo,

o portfólio; ser informado sobre os objetivos, procedimentos, normas e critérios, horários, lugares etc.; contar com recursos estratégicos para o aprendizado; instruir-se por meio de situações problemas, projetos, estudos de casos etc.; associar teoria e prática; e trabalhar em parceria com os outros.

Também compartilha dessa ideia Piconez (2005), que defende que os ambientes interativos de aprendizagem transformam o modo de pensar e de compartilhar informações. Com isso, desenvolvem maiores alternativas de cooperação e de colaboração. Segundo ele, as plataformas virtuais estimulam os educandos a exercer sua autonomia, quando instigados a interrogar-se sobre a escolha de conteúdos e/ou informações pesquisadas e também sobre as melhores táticas para comunicar com o outro, essencial na construção de conhecimento. Conforme Knowles (1980, p. 13), apud Bittencourt (2013) afirma: “A experiência de aprendizado de um adulto deve ser um processo de busca autodirigida, com os recursos do professor, dos alunos e os recursos materiais colocados à disposição dos alunos, e não impostos a eles”.

Não se pode também esquecer que um adulto autônomo, com aspirações para tornar-se educado, tem capacidade para decidir quais caminhos trilhar e também seu próprio processo de educação. O aprendizado autodirigido deve considerar a motivação intrínseca do adulto para intervir ativamente na definição das linhas-mestras de seu próprio progresso educacional. Além disso, ser capaz de fazer escolhas decisivas sobre que tipo de educação ele deseja para si mesmo. Para tal, é necessário o uso de uma pedagogia não diretiva, pela qual o adulto teria algum controle sobre o ritmo, os currículos, os conteúdos e a metodologia do aprendizado. Numa metodologia centrada no estudante, em qualquer situação, ele é quem decidirá o seu estilo de aprendizagem. Ele mesmo é quem distinguirá o seu próprio ritmo de aprendizagem. Para Kenski (2009), com o enfoque da cooperação na aprendizagem, o estudante tem maior autonomia. Consequentemente, também maior grau de responsabilidade. Como ele tem tarefas a concretizar, apresenta mais facilmente as suas opiniões. Além disso, será convidado pelo professor e pelos colegas a expor o que pensa.

É imprescindível que os professores estabeleçam a interação com os seus alunos de maneira competente, afetuosa e confiável e que também os envolvam em processos participativos. Materiais de qualidade e trabalhos de pesquisa não bastam (ROGERS, 1986; FREIRE, 1996). Sem isso, será trabalhoso manter a motivação na sala de aula e muito mais no virtual. Mesmo elaborados de maneira magnífica, os cursos que se restringem somente à transmissão de informação, de conteúdo, em longo prazo, ameaçam a motivação. Além disso, limita a aprendizagem somente a teoria, não permitindo que a relação teoria/prática se estabeleça efetivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de a educação a distância ter atingido a “idade adulta” somente em 2014, **dezoito anos desde a** promulgação da Lei nº 9.394/1996, em 1996, que instituiu as diretrizes e bases da educação nacional, não deve ser percebido como um ponto negativo, mas sim uma vantagem em favor da criatividade. É preferível experimentar as novas possibilidades a simplesmente transferir as boas “receitas” da modalidade “tradicional” para a tela do computador.

Vencida a fase de experimentação e da regulação intensa no Brasil, a EaD tem que superar os modelos adotados até agora nos ambientes virtuais. As mesmas e velhas formas de ensinar e aprender devem ser definitivamente deixadas para trás.

As ações de aprendizagem devem ser focadas no desenvolvimento de novas estratégias para promover a autonomia e emancipação dos discentes. A metodologia de ensino e aprendizagem da educação a distância ainda se encontra em desenvolvimento. O tutor tem que abdicar o papel de um informador, de repetidor de conhecimento pronto e adotar a de um mediador e organizador de processos, de um pesquisador - junto com os alunos -, e de um

articulador de aprendizagens ativas. O aluno, por conseguinte, tem que abandonar a postura passiva, esculpida no ensino tradicional, e preferir uma mais ativa e mais consciente da sua responsabilidade na própria aprendizagem e na construção do conhecimento.

A proposta do ensino a distância é bem mais profunda do que somente a mediação via tecnologia e de novas noções de tempo e espaço geográfico. Trata-se de mudança de paradigma, em ênfase maior na pesquisa, na colaboração e na personalização.

Com as mudanças provocadas pelas novas TICs, o homem contemporâneo está diante de uma grande oportunidade de inovar na educação. Deve-se promover e abrir caminhos para formas inéditas de cooperação para oferecer cursos didaticamente mais avançados e atingir o público que busca acolher. A educação a distância tem ainda um longo caminho a percorrer.

REFERÊNCIAS

BÉDARD, Roger. Construtivismo e formação a distância. **Revista Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro: v. 26, n.140, jan. /mar.1998.

BEHAR, Patricia Alejandra. (Org.). **Modelos pedagógicos em educação a distância**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

_____. **Competências em educação a distância**. Porto Alegre: Penso, 2013.

BITTENCOURT, Dênia Falcão de. **A metodologia da autoavaliação institucional na educação a distância**. Palhoça: Unisul, 2013.

DECRETO Nº 5622, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/decreto/D5622.htm> Acesso em: 15 abr. 2016.

DUART, Joseph Martin.; SANGRÀ, Albert. Aprendizaje y virtualidad: um nuevo paradigma formativo? In: _____. **Aprender em la virtualidad**. Barcelona: EDIUOC, 2000.

FIDALGO, Fernando Selmar Rocha et. al. (Org.). **Educação a distância**: meios, atores e processos. Belo Horizonte: CAED, UFMG, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KENSKI, Vani Moreira. **Novas tecnologias**: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. Revista Brasileira de Educação, [S.I.], n. 8, maio/ago., 1998.

_____. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

_____. Repensando a avaliação da aprendizagem. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Coord.). **Repensando a didática**. 24. ed. Campinas: Papyrus, 2006.

_____. Democratização das mídias e a gestão em educação a distância. In: OLIVEIRA, Maria Aparecida Monteiro (Org.). **Gestão educacional**: novos olhares, novas abordagens. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>> Acesso em: 04 abr. 2016.

LONGHI, Magalí Teresinha; BEHAR, Patricia Alejandra; BERCHT, Magda. **O desafio de reconhecer a dimensão afetiva em ambientes virtuais de aprendizagem**. Porto Alegre: Armed, 2008. Disponível em:< <http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/729/715>>. Acesso em: 02 jan. 2016.

MELLO, Guiomar Namó de. Autonomía de la escuela: posibilidades, límites y condiciones. **Revista Latinoamericana de Innovaciones Educativas**, Buenos Aires: v. 8, n. 22, p.11-46, mar. 1996.

MORAN, José Manuel. **Os modelos educacionais na aprendizagem online**. Texto extraído do livro Educação a Distância: Pontos e Contrapontos, 2007, p. 47-52. Disponível em:

<http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao_online/modelos.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2016.

_____. **Modelos e avaliação do ensino superior a distância no Brasil**. ETD, Educação Temática Digital. EaD – Porque não? Campinas: v.10, n.2, p.54-70, jun. 2009. Disponível em:

<<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/977/992>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

_____. **A EAD no Brasil: cenário atual e caminhos viáveis de mudança**. Texto atualizado do livro do Prof. Moran e do Prof. Valente “Educação a Distância: pontos e contrapontos”. Summus Editorial, 2011, p.45-88. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/cenario.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

_____. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012.

_____. A educação a distância, mais focada em pesquisa e colaboração. In: FIDALGO, Fernando (Org.). **Educação a Distância: Meios, Atores e Processos**. Belo Horizonte: CAED-UFMG, 2013, p. 39-51. Disponível em:

<http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao_online/pesquisa_e_colaboracao.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2016.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarcísio; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. Campinas: Papirus, 2013.

OLIVEIRA, Sílvio Luiz de. **Metodologia científica aplicada ao direito**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

PETERS, Otto. **A educação a distância em transição: tendências e desafios**. 2. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

PICONEZ, Stela Conceição Bertholo. *Aprendizagem Cooperativa apoiada por recursos da internet*

como estratégia de educação permanente e qualificação interdisciplinar. In Piconez, S.C.B (Org.). **Educação & Tecnologia & Cidadania: ambientes de aprendizagem no ciberespaço.** Cadernos Pedagógicos Reflexões n. 06, FEUSP, 2005

ROESLER, Jucimara; SANTOS, João Vianney Valle dos. Leyes, normas y reglamentos que regulan la educación superior a distancia y en Brasil. In: _____. **Leyes, normas y reglamentos que regulan la educación superior a distancia y em línea en América Latina y el Caribe.** Loja: Editorial de La Universidad Técnica Particular de Loja, 2011. p. 43-66.

ROGERS, Carl. **Liberdade de aprender em nossa década.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1986.

RUÉ, Joan. **El aprendizaje en autonomía, posibilidades y límites.** 2007. Disponível em: <http://www.prrg.usp.br/attachments/article/640/Caderno_1_PAE.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2016.

SANCHO, Juana Maria et al. **Tecnologias para transformar a educação.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

SOUZA, Carlos Alberto de et al. **Tutoria na educação a distância.** 2004. Disponível em: <<http://abed.org.br/congresso2004/por/htm/088-TC-C2.htm>>. Acesso em: 05 maio 2016.

TORI, Romero. **Educação sem distância.** São Paulo: Senac, 2010.

VALLE, LÍlian do. **Ainda sobre espaço, tempo, presença e distância: questões para a EAD on-line.** Educação a distância: meios, atores e processos. Belo Horizonte: CAED, UFMG, 2013.

VIANNEY, João. A ameaça de um modelo único para a EAD no Brasil. **Revista Digital da CVA-Ricesu.** Canoas: UNILASALLE, v. 5, n. 17, jul. 2008. Disponível em:

<<http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/view/2/2>>. Acesso em: 06 maio 2016.

_____. **Desafios de gestão na EaD.** Disponível em: <<https://ead.ufsc.br/files/2010/10/jo%C3%A3o-Vianney.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2016.



VIANNEY, João et al. **Introdução a educação a distância**. Florianópolis: SINE/ Secretaria de Estado da Educação, UFSC, 1988.

VIEIRA, Tereza Cristina Mendes. **Aprendizagem autônoma**: uma abordagem descritiva no ambiente virtual e tutorial. 2014. 26 f. Monografia, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Matemática e Estatística, Lante.

VILLARDI, Raquel; OLIVEIRA, Eloisa Gomes de. **Tecnologia na educação**: uma perspectiva sócio interacionista. Rio de Janeiro: Dunya, 2005.

Tereza Cristina Mendes Vieira

Mestranda em Geografia do Programa de Tratamento da Informação Espacial da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Pós-graduada em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e em Engenharia Ambiental pela Faculdade de Engenharia de Minas Gerais (FEAMIG). MBA Executivo em Administração de Empresas com Ênfase em Meio Ambiente pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Artigo recebido em 07/06/2016

Aceito para publicação em 05/01/2017

Para citar este trabalho:

VIEIRA, Tereza Cristina Mendes. APRENDIZAGEM AUTÔNOMA: UMA ABORDAGEM DESCRITIVA NO AMBIENTE VIRTUAL E TUTORAL. Revista Paidéi@. Unimes Virtual. Vol.9 – Número 15. Janeiro.2017 . Disponível em:

<http://periodicosunimes.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=index>

Acesso em __/__/__